

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

ATIVIDADE E TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

Autora: Sabrina Fülber

PORTO ALEGRE

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

ATIVIDADE E TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

Autora: Sabrina Fülber

Monografia apresentada à Faculdade de Veterinária como requisito parcial para a obtenção da Graduação em Medicina Veterinária.

Orientador: André Silva Caríssimi

**PORTO ALEGRE
2011**

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS E UNIDADES

AAA	Atividade Assistida por Animais
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
TAA	Terapia Assistida por Animais
TFC	Terapia Facilitada por Cães

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	RELAÇÃO HOMEM - ANIMAL	6
3	OS ANIMAIS E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS	9
3.1	Gatos	9
3.2	Cavalos	9
3.3	Golfinhos	10
3.4	Cães	10
3.4.1	Cães de Serviço	11
3.4.2	Cães Guia.....	11
3.4.3	Cães de Alerta.....	11
3.4.4	Cães de Resgate	12
3.4.5	Cães para Deficientes Auditivos	12
3.4.6	Cães Farejadores.....	12
3.4.7	Cães de Assistência	12
4	O CÃO DE ASSISTÊNCIA	13
5	ATIVIDADE E TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS	14
6	CONCLUSÃO	21
	BIBLIOGRAFIA	22

1 INTRODUÇÃO

Os animais sempre tiveram importância suprema para o homem, pois foram sempre retratados como poderosos seres que de alguma forma, indicavam claramente transmutação, proteção, sentimentos básicos humanos e até mesmo evolução espiritual. Pelos seus poderes, os espíritos dos animais eram evocados em diversas cerimônias para trazer saúde e mediar curas (DOTTI, 2005).

Desde as antigas civilizações a.C. se tem relatos do uso de animais para benefício humano (VIGNE et al., 2004). Descendentes dos lobos, os cães, foram os primeiros animais a serem domesticados entre 10 mil e 20 mil anos atrás (DOTTI, 2005). Admite-se que felinos tenham sido introduzidos voluntariamente pela população neolítica, assim como aconteceu com outros animais, como vacas, cabras, ovelhas, raposas, porcos e veados. Os gatos tinham a função de controlar a população de ratos que atacava as plantações de cereais do Chipre e do Oriente Médio e é provável que sua domesticação tenha começado entre 12 e 14 mil anos atrás, pois existem evidências de que ratos já se proliferavam em locais de armazenagem de cereais nesse período (VIGNE et al., 2004).

Outro animal de fundamental importância na história do homem é o cavalo; durante a Idade do Bronze e do Ferro foi fundamental nas atividades de pastores nômades da Eurásia e acompanhou a evolução das sociedades humanas desde sua domesticação, provavelmente em 3.500 a.C. Antes do desenvolvimento de armas de fogo, ele foi um importante instrumento de guerra e antes da invenção da máquina a vapor ele era o meio de transporte terrestre mais rápido e confiável (LEVINE, 1999).

O Uso de animais para o benefício humano data do período neolítico quando se deu a domesticação de animais como o gato, a cabra, o cavalo, a ovelha, o porco e outros. Ao longo da história vamos encontrar muitas referências sobre os benefícios para a saúde humana da convivência com animais. O uso do cavalo como forma de terapia data de 400 a.C. quando Hipócrates utilizou-se do cavalo para “regenerar a saúde” de seus pacientes. (PLETSCH, 2010).

2 RELAÇÃO HOMEM - ANIMAL

Nas mais remotas civilizações, registros históricos antigos identificam esse elo com os animais por meio da representação da afetividade e seus relacionamentos, retratados com muita propriedade por meio de símbolos e desenhos (DOTTI, 2005).

Seguramente, os hominídeos, desde a sua origem, sempre dependeram da interação que conseguiam manter com as outras espécies. Esta interação, diversificada e condicionada pelas necessidades manifestadas no decorrer da sua evolução, caracterizava-se por uma relação de predação e, mais tarde, por relações de domesticação. Esta teve início há centenas de gerações e foi sendo realizada através do controle da reprodução, da organização territorial e da alimentação dos animais a serem domesticados (HART, 1985). Muitas espécies, nomeadamente os herbívoros gregários, foram alvo deste processo, no entanto, o cão terá sido provavelmente um dos animais mais antigos a ser domesticado, sendo utilizado na guarda das aglomerações humanas e na ajuda em tarefas de caça (SOCZKA, 2003), talvez a simbiose mais antiga da nossa história (MORRIS, 1994).

Os Seres Humanos convivem com animais há milhares de anos e os animais são mantidos pelo homem devido aos mais variados motivos (GARCIA, 2005). Os animais têm sido utilizados para alimentos, roupas e abrigo, como bestas de carga e transporte, por diversão, para experimentação médica e para companhia. Embora o seu status moral seja debatido e alguns filósofos defendam a elevação dos animais a um status moral mais elevado do que ocupam atualmente, os animais ainda são tratados como propriedade. (SINGER, 1975; NUSSBAUM, 2006).

Historicamente a relação homem-animal é dividida em três períodos, sendo que, no último, começa a existir a concepção ética do animal e este passa a ser considerado também distribuidor de benefícios psicossociais (CHIEPPA, 2002).

As atribuições de cura e diagnóstico aos animais são bem mais antigas do que imaginamos. Elas remontam à mitologia grega. Apolo, Deus do sol e supremo, considerava os cães seres sagrados, atribuindo a eles poderes curativos. Becker (2003) ainda relata a lenda de Esculápio ou Asklépios em grego, filho de Apolo e Côronis, data por volta de 700 a.C.. Considerado um grande médico, desenvolveu diversos templos de cura, onde por lá passeavam cobras e cães que andavam pelos templos e lambiam as feridas dos pacientes. Já no cristianismo mais uma ação de cura dos cães foi constatado, Jesus ressuscita Lázaro que

em seguida é lambido por um cão em suas chagas para que elas cicatrizem, transformando o cão em um símbolo de São Lázaro (MARIN; BERTUOL, 2009).

A interação homem-animal tem sido abordada pela sociologia, psicologia, antropologia, medicina veterinária e outras ciências. Para Fuchs, 1987, tudo pode ter começado com um lobinho mais manso que os demais e com a percepção de que eles podiam dar sinais de alarme e, principalmente, ajudar nas caçadas: Os filhotes de lobos e cães são criados em família, com a mãe e os irmãos. Quando tirados de perto deles, vão procurar esse calor e aconchego com seres humanos, que passam a ser sua nova figura de apego. Mas também pode ter começado por outras duas razões: frio e fome. Para se livrar do frio, o homem das cavernas dormia com o cão e, como retribuição, dava-lhe restos de comida. Com isso, livrava-se também do lixo. Na mitologia grega, acredita-se que a alma do cão acompanha seu dono até a eternidade. Isso talvez justifique a crença popular de que “cada cachorro espelha a personalidade de seu dono”.

Tradicionalmente acreditava-se que a primeira domesticação dos lobos ocorreu entre 10 mil e 20 mil anos. Mas indícios recentes, obtidos através de estudos do DNA de cães e lobos, sugerem uma data anterior para a primeira transformação de lobo em cão: mais de 100 mil anos. Essas novas provas também indicam que os lobos foram domesticados inúmeras vezes e não apenas uma, e que os cães continuaram a cruzar com lobos selvagens nesse processo de transformação (SHELDRAKE, 2001).

Estudos apontam para a relação homem-animal na pré-história. Foram encontrados sítios arqueológicos dessa época em que o animal doméstico era enterrado em posição de destaque ao lado do seu provável dono. Mas a grande mudança deu-se a partir dos tempos modernos, com a criação de cães para a função principal de guarda da propriedade, de tração de carroças e trenós, ou utilidade para acompanhar tropeiros, agricultores, além da condição de estimação.

Havia uma distinção social entre os cães imposta pelos homens e, no século XVIII, o cão já era conhecido como “o mais inteligente de todos os quadrúpedes conhecidos” e louvado como “o servo mais fidedigno e a companhia mais humilde do homem” (BERZINS, 2000).

A evolução do homem e do seu modo de vida levou-o ao afastamento progressivo das zonas rurais e à concentração em focos populacionais maiores, traduzido num distanciamento relativamente à natureza e às outras espécies (FOX, 1976). As relações familiares são cada vez mais restritas e assiste-se a uma ausência de vida comunitária. Nestas circunstâncias, um animal social como é o homem está completamente afastado das condições ideais para o seu

desenvolvimento e adaptação. Frequentemente, surgem indicadores de mal-estar como o stress, a ansiedade, a falta de segurança e de relações interpessoais de qualidade que estão na origem, muitas vezes, do aparecimento de diversas patologias, como a depressão. Por todas estas razões, tem se observado alterações significativas na percepção do homem em relação aos animais, coexistindo um aumento gradual de atitudes de simpatia para com estes e para com a natureza e um declínio, também gradual, das atitudes antropocêntricas que caracterizaram os períodos medieval e renascentista (SALLISBURY, 1994).

Há pouco tempo atrás a idéia de estudar o relacionamento social entre humanos e outros animais poderia soar como heresia (PODBERSCEK; PAUL; SERPELL, 2001).

Os animais, historicamente, têm desenvolvido um importante papel no relacionamento com as pessoas por servirem de companhia, estímulo e motivação. Os animais são excelentes companhias, pois durante sua visitaçao não discriminam ou segregam qualquer pessoa, isto é são livres de preconceitos (MILLER; CONNOR, 2000).

A pesquisa científica sobre os efeitos terapêuticos da relação homem-animal começou nos Estados Unidos nos anos 60 do século passado. Na década de 80 o interesse pela matéria espalhou-se pelo Reino Unido e países da Europa continental. Um estudo realizado recentemente na Europa e Estados unidos comprova que famílias com animais de estimação têm menos despesas com saúde do que as famílias sem animais. Segundo os pesquisadores, essa convivência é capaz de melhorar a auto-estima, diminuir problemas cardiovasculares, auxiliar a família na diminuição do estresse, na queda da pressão em hipertensos e, principalmente, de melhorar a interação social. (PLETSCH, 2010).

O Doutor Dennis Turner, professor de medicina veterinária da Universidade de Zurique e presidente da IAHAIO (Associação Internacional das Organizações para a Interação Homem-Animal), defende que “a companhia de cães e gatos é essencial para a qualidade de vida do homem. A companhia de animais beneficia não apenas deficientes ou portadores de doenças graves, mas também o cidadão comum seja qual for a sua renda familiar”. Não só faz bem para a saúde do indivíduo, mas para a saúde pública também. "A Terapia Assistida por Animais representa uma tremenda economia para a saúde pública e obtém sucesso até nos casos em que métodos tradicionais de tratamento falharam”. (ARCABRASIL, 2010, p.1)

Ressalta-se, contudo, que a relação homem-animal não deve substituir a relação homem-homem. O cão não pode substituir um filho ou marido, mas pode ensinar como agir em nossos relacionamentos (KASSIS, 2002).

3 OS ANIMAIS E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS

3.1 Gatos

No antigo Egito, os gatos como os cães, eram reverenciados, e assumiam as encarnações da deusa Bastet, que simbolizava a maternidade, a benévola e era representada em corpo de mulher com cabeça de gata. Como um dos animais mais admirados e companheiros do homem, o gato tem uma trajetória de admiração ao longo dos séculos pelo seu caráter e sua personalidade. É por isso que ele tem sido um ótimo companheiro em tratamentos para crianças, idosos e pacientes com problemas psíquicos (DOTTI, 2005).

Diferentemente dos cães, os gatos tem um perfil mais independente, são membros familiares mais orgulhosos que outras espécies que não toleram tão bem nossos caprichos. Enquanto outras espécies são sociais por natureza, os gatos caminham em uma tênue linha entre estarem distantes e estarem sós. São sociáveis em seu tempo e suas condições (CASTELLI; HART; ZASLOFF, 2001).

Os gatos na A/TAA devem ter ótimo temperamento e comportamento, devem ser sociáveis e receptíveis. A saúde deve ser ótima, eles devem ser escovados e banhados pelo menos dois dias antes das visitas. Suas unhas devem ser curtas e lixadas e não devem conter nenhum produto químico em sua pelagem. Devem ter no mínimo um ano de idade e ser transportados em suas caixas de transporte e colocados em contato com a pessoa sobre uma toalha ou algum tecido que diminua possíveis riscos de arranhões. Devem usar coleiras e guias e ser supervisionados o tempo inteiro (DOTTI, 2005).

3.2 Cavalos

Símbolo de força, de altivez, soberania, paixão e trabalho, o cavalo tem contribuído com o homem de forma exemplar nesses últimos milênios. Segundo Dotti (2005) refletimos no cavalo nossos desejos de sermos fortes e livres. A experiência de montar em um cavalo e trabalhar com ele nos leva ao sentimento de que podemos ter o controle deles e isso, inconscientemente nos revela o controle sobre nossa própria força. O cavalo nos aproxima de

nossas fraquezas, transformando-as. Ajuda-nos a enfrentar nossas sombras e nossos medos, pois encontramos nele aquilo que realmente queremos ser.

Equoterapia é o nome dado a terapia com cavalos. Há relatos desses tratamentos que perfazem quase um século e até hoje continua sendo desenvolvido intensamente por médicos, psicólogos e principalmente fisioterapeutas. A terapia propõe que pelos movimentos do cavalo muitos músculos do corpo são estimulados, melhorando o equilíbrio e a coordenação motora. É um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de equitação, saúde, educação, buscando o desenvolvimento bio-psicossocial de pessoas portadoras de deficiências ou necessidades especiais (DOTTI, 2005).

3.3 Golfinhos

Essa é uma área que muitas pessoas vêem como uma conexão mágica. Nadar entre os golfinhos e ter o seu contato é algo que sensibiliza a maioria das pessoas. Principalmente por duas razões: inteligência e capacidade de redução do estresse na água. No isso não parece gerar nenhum milagre instantâneo para os pacientes, e este tipo de trabalho está sendo muito questionado ultimamente por diversas entidades de defesa animal e por outros profissionais. Pesquisas recentes mostraram que há uma diminuição de ondas cerebrais depois que o paciente nada com os golfinhos, mas isso também acontece quando interagimos com outros animais, ou quando tomamos um banho morno.

Há também uma grande preocupação ambiental com esses animais que vivem em cativeiro e podem trabalhar mais do que devem.

3.4 Cães

O convívio com cães estabelece benefícios emocionais para pessoas de diferentes faixas etárias, classes sociais e condições de saúde. Atualmente, os cães desempenham papéis

importantes na melhoria da qualidade de vida dos seres humanos (ANDERLINI, 2009). Segundo DOTTI os cães são os animais mais utilizados e podem ser classificados da seguinte forma de acordo com o trabalho que desempenham:

3.4.1 Cães de Serviço

A lei federal americana usa o termo animal de serviço definindo como “qualquer animal que é individualmente treinado para trabalhar ou executar tarefas para o benefício de pessoas deficientes” (WILSON; TURNER, 1998). Os cães são normalmente utilizados por deficientes que tenham qualquer tipo de limitação física e assumem uma gama enorme de tarefas como empurrar a cadeira de rodas ou ajudar no equilíbrio, ajudar a pessoa a se levantar, se sentar e deitar ou mesmo se vestir. Pode trazer o jornal e outros objetos, acender e apagar a luz, jogar o lixo na cesta, ajudar a atirar meias ou mesmo chamar o serviço de emergência, tirando o fone do gancho e apertando os botões com seu focinho ou pata.

3.4.2 Cães Guia

São ótimos amigos e trabalhadores. Passa por muitas avaliações até chegarem ao treinamento em si onde aprendem a evitar obstáculos, dar sinal nas mudanças de níveis, parar e sentar em frente a qualquer situação de risco, encontrar objetos, saídas e abrir portas além de muitas outras coisas que tornam o dia a dia do cego muito mais fácil.

3.4.3 Cães de Alerta

São treinados para trabalhar com pessoas que tem epilepsia, diabetes ou problemas psicológicos ou psiquiátricos sendo conhecidos também como cães de resposta. Eles podem chamar o serviço de emergência ou executar tarefas médicas como deitar sobre o peito de seu proprietário para produzir tosse, buscar kits de emergência, insulinas, inaladores ou vários outros serviços de emergência.

3.4.4 Cães de Resgate

São treinados para o resgate de pessoas ou de outros animais e trabalham como parceiros dos bombeiros. Devem ter um faro apurado, concentração e disciplina.

3.4.5 Cães para Deficientes Auditivos

Para pessoas que tem surdez parcial ou total. São capazes de acordar o proprietário quando toca um alarme, atender a porta, estar atento e avisar o dono para sons diversos.

3.4.6 Cães Farejadores

Há muitas variedades de treinamentos para os cães para que possam farejar qualquer tipo de coisa. Na polícia farejam explosivos, drogas, alimentos, pessoas desaparecidas e na medicina podem ajudar a farejar melanomas ou a taxa de açúcar baixa no sangue.

3.4.7 Cães de Assistência

São treinados por diferentes entidades para ajudar os pacientes com diferentes tipos de patologia como distrofia muscular, esclerose múltipla, paralisia cerebral, mal de Parkinson, etc. Os países em desenvolvimento e subdesenvolvidos ainda tem pouquíssimos desses amigos, já que seu custo e treinamento e muito caro.

4 O CÃO DE ASSISTÊNCIA

A utilização cada vez mais freqüente e variada de animais, no âmbito da promoção da saúde, nomeadamente de cães, trouxe novas preocupações conceituais. Se, num passado ainda recente, se admitia o uso de várias designações referentes ao trabalho desempenhado pelos cães junto de pessoas com diversas incapacidades, hoje haverá um consenso relativamente ao termo cão de assistência. Trata-se de um animal individualmente treinado para realizar tarefas que aumentam a autonomia e a funcionalidade da pessoa com deficiência. (DUNCAN; ALLEN, 2000).

Os aspectos mais importantes que um animal deve apresentar para integrar o programa são: ter comportamento amigável com estranhos e estar habituado com sessões de TAA em ambiente hospitalar (HAVENER et al, 2001; HOSPITAL São Paulo; GUIDELINES).

Um animal de terapia deverá ser calmo e inspirar confiança em que o irá manejar, deverá sustentar o olhar das pessoas, gostar que lhe façam festas, o abracem e toquem, mantendo-se calmo perante movimentos bruscos e barulhos altos. Todo o animal de terapia deverá ser treinado para a atividade prevista. Os animais devem ter acompanhamento médico veterinário, garantindo o bom estado sanitário do animal e minimizando o potencial zoonótico. É imperativo zelar pelo bem estar do animal com respeito e muito carinho, pois, o bom funcionamento da TAA depende da qualidade de vida desses terapeutas animais (PLETSCH, 2010).

O papel do animal de serviço trouxe uma necessidade mútua para ambos os seres, humanos e animais, especialmente cães, que é a necessidade de companheirismo. Embora existam tarefas e deveres exigidos dos animais de serviço em reabilitação de saúde, o animal de serviço traz uma aceitação e dedicação aos seus parceiros humanos que pode superar a diferença de espécies. O vínculo é tão forte quanto um vínculo familiar. Animais de serviço apresentam comportamentos freqüentemente interpretados como cuidar e amar, mas é preciso lembrar que eles não estão lá por vontade própria, pois eles são treinados e cuidadosamente monitorados para quaisquer desvios de seu comportamento treinado. Eles estão sujeitos a tensões em seu ambiente e podem ser prejudicados ou podem prejudicar os outros se não forem adequadamente gerenciados e cuidados (WENTHOLD; SAVAGE, 2007).

Estudos recentes confirmam que o fato de o cão de assistência poder desempenhar um vasto número de tarefas, como por exemplo, apanhar objetos do chão, puxar uma cadeira de rodas, abrir e fechar portas, retirar calçados, no caso de cães de serviço, ou alertar para o som da campainha, do telefone, do microondas ou de um bebê a chorar, no caso dos cães para

surdos, aliado à companhia permanente, tem como consequência o usufruto, por parte da pessoa com deficiência, de múltiplos benefícios e a diversos níveis. Por um lado, como foi referido para o caso dos animais de companhia, o contato físico com o animal traduz-se num decréscimo da tensão arterial, do batimento cardíaco e do ritmo respiratório e no aumento da temperatura das extremidades do corpo. Além disso, comprovou-se que os indivíduos que constatarem diariamente com cães têm menores níveis de triglicérides e de colesterol, assim como fazem menos visitas aos médicos e consomem menos medicamentos (SACHS-ERICSSON; HANSEN; FITZGERALD, 2002).

5 ATIVIDADE E TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

O primeiro relato da participação de animais em situações terapêuticas, na sociedade ocidental contemporânea, remonta ao final do século XVIII, na Inglaterra. O Retiro de York, um tipo de instituição psiquiátrica, mantinha animais em seus pátios arborizados nos quais os pacientes passeavam. Essa atividade, chamada de TFC, é a utilização do contato com o cão para fins terapêuticos, numa abordagem multidisciplinar, buscando o crescimento psicológico e social, contribuindo para o aprimoramento da psicomotricidade, impulsionando potencialidades, minimizando deficiências melhorando significativamente a qualidade de vida (LIMA; SOUSA, 2004).

Em 1699 já havia relatos sobre as relações dos animais, especialmente com as crianças, os quais tinham o papel de socialização. As crianças podiam aprender e refletir sobre o senso de responsabilidades para com os outros (FINE, 2000).

A TFC teve origem em 1792 no Retiro York, na Inglaterra em uma Instituição para deficientes mentais, onde os pacientes participavam de um programa alternativo de comportamento que consistia na permissão de cuidar de animais de fazenda como reforço positivo. Em 1867 a mesma técnica foi usada com pacientes psiquiátricos numa Instituição na Alemanha. Mais tarde, em 1942, terapeutas começam a perceber os benefícios de TFC em pacientes com desordens mentais e físicas, mas somente na década de 60, foi publicado nos Estados Unidos pelos Dr(es). Boris Levinson, Sam e Elisabeth Corson as primeiras observações científicas dos benefícios da TFC em pacientes com quadros clínicos psiquiátricos (ESPECIAL, 2007). Sabe-se que o conhecimento do uso terapêutico de animais

no século IX foi na Bélgica, com um relato sobre a utilização de animais no auxílio à pessoas com alguma incapacidade(TURNER, 2001). Em 1860, foi recomendado por uma enfermeira de origem inglesa a presença de animais de estimação como excelentes companhias para os pacientes crônicos (NIGHTINGALE, 1989). Já, em 1961 obteve-se o primeiro registro sobre a utilização de cães como instrumento terapêutico na interação com pacientes infantis e adolescentes. Os resultados demonstraram que a presença dos animais melhorava a comunicação durante a terapia dos pacientes, diminuindo as defesas e facilitando o relacionamento entre médico-paciente (HOOKER, FREEMAN, STEWART, 2002).

A partir dos anos 80 relevantes pesquisas científicas emergem provando o benefício à saúde humana a partir da interação com animais, espalhando-se rapidamente no Reino Unido, Estados Unidos e na Europa Continental (ESPECIAL, 2007). As principais organizações que envolvem estudos de Terapia Assistida por Animais estão localizadas no Delta Society nos Estados Unidos, na Inglaterra no SCAS – Sociedade para Estudos de Animais de Companhia, e na Europa no IEAP .

No Brasil, nos anos 50, a Doutora Nise da Silveira, médica psiquiátrica, psicanalista, terapeuta ocupacional do Centro Psiquiátrico D. Pedro II no Rio de Janeiro, implantava a utilização de animais em pacientes esquizofrênicos após a adoção de uma cadela por um dos doentes. Quando percebeu a facilidade que os pacientes se vinculavam aos cães, Nise desenvolveu o conceito de Afeto Catalisador, que consiste na constância e comportamento não invasivo de um co-terapeuta não humano, afirmando que o animal reúne qualidades que o faz apto a tornar-se um ponto de referência no mundo externo, facilitando a retomada de contato com a realidade (SILVEIRA, 1981).

No nosso país o interesse pela TFC surge a partir dos anos 80, mas somente, a partir dos anos 90 são implantados os primeiros Centros de Atendimento de Terapia Assistida por Animais onde cães têm sido usados como facilitadores para profissionais de diversas áreas da saúde, e relevantes estudos científicos são realizados.. Em setembro de 2000 acontece no Rio de Janeiro a 9ª Conferência Internacional sobre Interações Homem-Animal, despertando diferentes profissionais da saúde para atuação e pesquisas científicas na Terapia Assistida por Animais.

Segundo dados do Phd. Dr. Dennis C. Turnner, Presidente da Associação Internacional das Organizações Homem-Animal (IAHAIO), 30% dos Psiquiatras e Psicoterapeutas brasileiros envolvem animais nas suas práticas clínicas. A TAA na fisioterapia aumenta a motivação dos pacientes durante as sessões, sendo o cão o agente estimulador e mediador das ações propostas durante o tratamento (LEVINSON, 1964).

A espécie mais utilizada para realizar este tipo de intervenção é o cão, como foi referido. No entanto, a sua participação depende do trabalho realizado por treinadores que devem ter, por um lado, formação específica neste âmbito e, por outro, trabalhar em íntima colaboração com outros profissionais, de forma a garantirem um desempenho adequado na realização de tarefas específicas para cada um dos assistidos. De igual importância é o levantamento das necessidades e expectativas manifestadas pela família e a receptividade à presença e colaboração do animal. A aceitação do valor terapêutico dos animais encontra, ainda hoje, uma forte resistência por parte dos familiares, que encaram na maioria das vezes, este tipo de intervenção como inovador e de pouca credibilidade. Assim sendo e atendendo à relevância da participação da família, o profissional deverá informar em que consiste a AAA/TAA e dar a conhecer as inúmeras experiências que têm sido realizadas nestas áreas. É particularmente importante que os interlocutores compreendam que tanto a AAA como a TAA não constituem uma ameaça para os assistidos e reconheçam os benefícios que podem advir da presença e da interação com o animal. (LIMA; SOUSA, 2004)

A Terapia Auxiliada por Animais (TAA) teve sua difusão mundial a partir da década de 60 e consiste na utilização de animais com a finalidade terapêutica para pacientes com doenças emocionais, físicas e mentais (TURNER, 2001; KHAN; FARRAG, 2001; ALL; LOVING; CRANE, 1999). A TAA e a Assistência Auxiliada por Animais (AAA) ou visitação animal são os nomes oficiais dos programas que buscam ajudar os pacientes e sua difusão vem sendo baseada em estudos. A TAA utiliza, especialmente, um animal treinado que por longos períodos interage com a pessoa e realiza exercícios supervisionados visando auxiliar na melhora dos aspectos emocionais, sociais, físicos e cognitivos. É parte de um determinado tratamento cuja evolução é documentada. A TAA tem demonstrado importante potencial terapêutico, devendo ser ampliada a sua utilização também em outras situações clínicas e na assistência de enfermagem (BUSSOTI et al., 2005). Na TAA vem sendo observado um grande benefício em alguns casos, visto que este tipo de terapia, não tão convencional, tem como proposta a estimulação e o desenvolvimento psíquico, social e motor. A TAA proporciona uma melhor qualidade de vida, pois a relação do paciente com o animal é uma relação de afeto e segurança (GONÇALVES, 2006). Por outro lado, a AAA ou visitação é uma intervenção esporádica que visa à recreação e o entretenimento. As visitas podem ser realizadas por um único animal ou por um grupo de animais de diferentes espécies. Os animais utilizados com maior frequência são cães, gato, peixe, coelho, chinchila, tartaruga e cobaia (hamster). O cão é o mais utilizado por causa da afeição natural pelas pessoas, facilidade de adestramento e por ter mais reações positivas ao toque (PTAK, 1995).

A presença de animais numa instituição de saúde traz benefícios visíveis a todos os contemplados, entretanto, a companhia animal pode estar associada com a aquisição de doenças no ambiente hospitalar. Portanto, torna-se fundamental considerar os riscos e complicações que a transmissão de zoonoses, pode acarretar para os pacientes e para a instituição. As zoonoses são as doenças infecciosas transmitidas entre animais vertebrais para humanos em determinadas circunstâncias (DUNCAN, 2000; National Association of State Public Health Veterinarians, 2005). O contrário também pode ocorrer, microorganismos com resistência aos antimicrobianos usuais podem ser transmitidos de pessoas para os animais, promovendo a colonização dos animais por esses agentes (DUNCAN, 2000; LEFEBVRE et al., 2006). Deste modo, para prevenção de riscos é mandatário que a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar implemente e monitore estratégias que minimizem essas exposições, isto é, com a adoção de medidas e critérios de segurança para todos os envolvidos (GUIDELINES).

Para evitar acidentes e zoonoses, a permissão para os animais visitarem uma instituição exige um protocolo com normas e rotinas de segurança. Conforme estudo realizado os pontos importantes do protocolo de implementação do programa de AAA são: introdução, objetivos, critérios de inclusão e exclusão dos animais, dos condutores e dos pacientes; recomendações aos condutores e à equipe de saúde, responsabilidades da Comissão Controle de Infecção Hospitalar, quadro de zoonoses, calendário vacinal de cães e gatos, termo de responsabilidade para participação do programa e ficha de análise comportamental dos animais. Considera-se que a divulgação do protocolo, fundamentado em estudos científicos, favorece a implantação de novos programas em instituições, visto a escassez de publicações nacionais. A ANVISA até o momento não possui qualquer recomendação para a presença de animais em instituições de saúde (SILVEIRA; SANTOS; LINHARES, 2011).

Qualquer pessoa pode fazer uso da terapia animal: os idosos, adultos ou crianças com problemas psiquiátricos, portadores de deficiência física ou mental, com câncer ou soropositivos e pacientes domiciliares ou hospitalizados. Apesar de a teoria sugerir que pacientes imunossuprimidos, susceptíveis a infecções oportunistas com histórico severo de alergias e problemas respiratórios ou internados nas unidades de terapia intensiva não façam uso da terapia, alguns projetos descrevem visitas a esses pacientes, pois pesquisas revelaram que visitantes humanos transmitem mais infecções aos pacientes do que os animais, quando devidamente limpos e imunizados. A restrição real compete ao paciente que possui medo ou aversão a animais (ANIMAIS ajudam na recuperação, 2001).

Os estudos realizados propõem que o tempo máximo para a visita é de uma hora e meia, para que os animais não fiquem estressados. Embora se tratem de cães saudáveis, deve-se evitar contato com o rosto do paciente. Destacam também que o número de animais participantes deve ser razoável com o tamanho da instituição (KAWAKAMI; NAKANO, 2002).

Para a inclusão no programa os animais devem ser avaliados por um profissional adestrador ou médico veterinário, ser treinados previamente para as atividades que serão desenvolvidas na instituição, ser saudáveis, socializado em áreas públicas, apresentar comportamento dócil e responder corretamente aos comandos do condutor (MILLER; CONNOR, 2000; TURNER, 2001; LEONOR, 2005). O acompanhamento da saúde do animal deverá ser anual, com exames de fezes, tratamento anti-parasitológico e atualização das vacinas de acordo com o calendário vacinal para cães e gatos. O exame parasitológico de fezes deve incluir pesquisa para *Giardia* e bactérias como *Salmonella* spp e *Campylobacter* spp. Os animais devem possuir exame negativo para parasitoses e ácaros, sem queda excessiva de pêlos, doenças da cavidade bucal ou dermatológicas. Se o resultado do exame de fezes for positivo para qualquer parasitose, não será permitida sua visita no hospital. Antes do seu retorno ao programa deverá ser avaliado novamente pelo veterinário (KHAN; FARRAG, 2000; DISALVO et al., 2006, Centers for Disease Control and Prevention, 2003; WEBER; RUTALA, 2004).

Excluiu-se do programa AAA as fêmeas no cio, primatas não humanos (ex: micos e chipanzés), pelo comportamento agressivo (mordidas) (DUNCAN, 2000; WEBER; RUTALA, 2004), dificuldade de treinamento destes animais silvestres a não tocar os próprios genitais, assim como filhotes de qualquer espécie animal, devido à falta de controle dos esfíncteres, dificuldade de treinamento e por ser mais vulnerável ao desenvolvimento de zoonoses (KHAN; FARRAG, 2000; DUNCAN, 2000; BRASIL, 2007). Também serão excluídos imediatamente os animais que apresentarem comportamento anti-social e/ou agressividade, provocado ou não, sinais de infecções ou presença de vômito, diarreia, lesões de pele, secreção abundante em nariz, orelhas ou olhos, prurido excessivo. Portanto, esses animais devem ser avaliados, tratados e acompanhados e para seu retorno necessitará de um atestado médico (KHAN; FARRAG, 2000; DUNCAN, 2000; WEBER; RUTALA, 2004).

Em caso de morte do animal participante por doença desconhecida ou associada a algum surto no hospital é necessário à realização de necropsia para investigar a causa da morte (LEONOR, 2005).

O condutor ou a instituição mantenedora dos animais no programa AAA são os responsáveis por apresentar toda documentação acerca das vacinas e exames laboratoriais necessários para a inclusão dos animais e, durante as visitas pelo acompanhamento do animal (KHAN; FARRAG, 2000; DUNCAN, 2000). Quanto a identificação o condutor deve utilizar algum tipo de uniforme e crachá, inclusive o animal, quando possível. A identificação deverá ser fixada, obrigatoriamente, em local visível e o uniforme para os animais mamíferos de médio porte deve cobrir parte do dorso (BUSSOTI et al., 2005; DUNCAN, 2000).

Consideramos de extrema importância o seguimento das seguintes recomendações quanto a manutenção da higiene e da integridade do animal: Higienização do animal até 24 horas antes da visita para reduzir agentes alergênicos (banho, corte de unhas, limpeza dos olhos e orelhas) e antes da visita remover excesso dos pêlos por meio de escovação e permitir que o animal tenha tempo para as eliminações fisiológicas (KHAN; FARRAG, 2000; LEONOR, 2005; DUNCAN, 2000; DISALVO et al., 2006; Centers for Disease Control and Prevention, 2003).

Há muitos relatos de paciente que não falavam, e quando entraram em contato com os animais começaram a falar e contar sobre sua vida, sua história, surpreendendo toda a equipe que lhes prestava assistência. O paciente podia brincar, acariciar, pentear e alimentar os animais. Muitos pacientes sentem-se estimulados a produzir expressões vocais, e aqueles que podem recuperar a fala, a recuperam de maneira mais rápida e agradável. Um fato marcante ocorreu com um senhor de 103 anos que durante muitos anos não falava com ninguém que se aproximava dele; mas no instante em que o cão foi levado até ele, começou a falar, chamando a atenção dos médicos e enfermeiros que estavam acostumados com o seu silêncio e que aproveitaram para obter mais informações do próprio paciente (SERBIN, 2001).

Um psicólogo infantil envolveu em um dos seus estudos seu próprio cachorro com a finalidade de estabelecer uma ponte com as crianças que eram muito introvertidas. Ele comprovou que a criança, ao se importar com seu bichinho de estimação, adquiriu confiança, auto-estima, responsabilidade e autonomia, além de diminuir o estresse, ou seja, a companhia animal pode assistir a criança no seu desenvolvimento contínuo (HAVENER et al., 2001).

Resultados positivos são obtidos com o paciente que possui paralisia total ou parcial do corpo, pois os animais despertam a vontade de retomar a vida e vivê-la da melhor maneira possível, não importa quanto tempo de vida reste a ele ou suas limitações. Foi o que aconteceu com um homem que ficou com o lado esquerdo totalmente paralisado após uma tentativa de suicídio. Desmotivado e com o quadro de depressão grave, não se esforçava para recuperar sua saúde. Quando colocaram um pequeno cão em seu tórax, o paciente fez um

esforço para sorrir e começou a chorar. Mas as lágrimas não pareciam ser de tristeza e sim de vontade de lutar pela vida. Os profissionais puderam então contar com a colaboração do paciente e das visitas posteriores, que fizeram com que o paciente recuperasse a fala e gradualmente o movimento do braço (BERGMAN, 2000).

A TAA, mesmo recomendada pelos especialistas, ainda encontra barreiras para chegar aos hospitais brasileiros que não permitem a entrada de animais. Como dizia a própria Florence Nightgale, “um bichinho é a melhor companhia para quem está doente” (KREISER, 2001). O sorriso do paciente é o sinal mais freqüente e constante quando se realiza a terapia animal, é a senha para se perceber que o paciente aceita ser visitado por animais e que o tratamento é um sucesso.

6 CONCLUSÃO

Atualmente no Brasil várias terapias que poderiam trazer muitos benefícios para a sociedade ainda são deixadas de lado. Pelos estudos realizados no mundo e principalmente na Europa e Estados Unidos ao longo dos anos e até mesmo pelos estudos já realizados no país nas últimas décadas, pode-se constatar que as terapias auxiliadas por animais podem contribuir e muito para a melhor qualidade de vida das pessoas e auxiliar ou acelerar muitos tratamentos de saúde.

É importante que o médico veterinário esteja atento as transformações e as relações entre homens e animais e possa contribuir sempre para melhorar esta relação e para buscar também mais qualidade de vida e bem-estar para os animais.

As Terapias Assistidas por animais são métodos satisfatórios e eficientes e muito ainda pode ser estudado para aperfeiçoar o tratamento. É necessário que no Brasil os preconceitos sejam vencidos para que possamos aproveitar ainda mais esses métodos alternativos que fazem tanto sucesso e que podem colaborar muito para o crescimento humano.

REFERÊNCIAS

ALL, A. C.; LOVING, G. L.; CRANE, L. L. Animals, horseback riding, and implications for rehabilitation therapy. **J Rehabil**, v. 65, n. 1, p. 49-57, 1999.

ANDERLINI, G. P. O. S. Cão-guia, muito mais que uma companhia: uma profissão. **Revista CFMV**, Brasília, ano XV, n. 47, p.8-12, 2009.

ANIMAIS ajudam na recuperação. **Época**, São Paulo, 10 set. 2001. p. 33.

ARCABRASIL. Terapia Com Animais: Entrevista: "animais são a cura do século XXI". Disponível em: <<http://www.arcabrasil.org.br/animais/interacao/terapia2.htm>>. Acessado em 28/11/2011.

BECKER, B. **O Poder Curativo dos Bichos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BERGMAN, C. Opposing speciesism. **THE BOND**: Newsletter of the SF/SPCA Animal Assisted Therapy Program. San Francisco, v. 2, n.1, p. 1-2, feb. 2000.

BERZINS, M. A. Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação. São Paulo: PUC-SP, 2000. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Disponível em: <<http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/artigos/relacao-homem-x-animal.html>>. Acessado em: 18/11/2011.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Resolução CONAMA** n. 394, de 6 de novembro de 2007. Estabelece os critérios para a determinação de espécies silvestres a serem criadas e comercializadas como animais de estimação. Diário Oficial da União, Brasília, 7 nov. 2007. Seção 1, p. 78-9

BUSSOTI, E. A.; LEÃO, E. R.; CHIMENTÃO, D. N. N.; SILVA, C. P. R. Assistência individualizada: *Posso trazer meu cachorro?* **Rev Esc Enfem USP**, v. 39, n. 1, p. 195-201, 2005.

CASTELLI, P. HART, L. A.; ZASLOFF, R. L. Companion cats and the social support systems of men with AIDS. **Psychol Rep, Center of Animals in Society**, School of Veterinary Medicine, University of California, v. 89, n. 1, p. 177-187, aug. 2001.

CENTER for Disease Control and Prevention. Guidelines for environmental infection control in health-care facilities: recommendations of CDC and the Healthcare Infection Control

Practices Advisory Committee (HICPAC). Atlanta: **US Department of Health and Human Services**; 2003.

CHIEPPA, F. “A Pet Therapy”: significado, origens, múltiplas aplicações. Um claro exemplo de pet therapy: a espantosa história de Robert Stroud (Elementos de Zooantropologia). p. 40-42, 2002. Disponível em: <<http://www.ao.com.br/pet.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

DISALVO, H.; HAIDUVEN, D.; JONHSON, N.; REYES, V. V.; HENCH, C. P.; SHAW, R. et al. Who let the dogs out? Infection control did: utility of, dogs in health care settings and infection control aspects. **Am J Infect Control**, v. 34, n. 5, p. 301-307, 2006.

DOTTI, J. **Terapia & Animais**. São Paulo: PC Editorial, 2005.

DUNCAN, S. L. APIC State-of-the-Art Report: the implications of service animals in health care settings. **Am J Infect Control**, v. 28, n. 2, p. 170-180, 2000.

DUNCAN, S. L.; ALLEN, K. ‘Service Animals and Their Roles in Enhancing Independence, Quality of Life and Employment for People with Disabilities’. In: FINE, A.(Ed.). **Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical Foundations and Guidelines for Practice**. San Diego: Academic Press. p.303-323, 2000.

ESPECIAL. Terapia facilitadora com cão. Disponível em:
<http://www.svcpa.org/tfc/02_historico.htm>. Acessado em 20 nov.2011.

FINE A. **The Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical Foundations and Guidelines for Practice**. San Diego, Calif.: Academic Press, 2000.

FOX, M.W. **Between Animal and Man**. Nova Iorque: Coward, McCam and Geohegan, Inc, 1976.

FUCHS, H. O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação. Tese de doutorado (Psicologia experimental). **Faculdade de Psicologia**. São Paulo: USP, 1987.

GARCIA, Gabriela. “No Brasil, zooterapia ainda é incipiente”. In.: **Viver Mente&Cérebro**. Edição nº, set. 2005.

GONÇALVES, H. J. Animais terapeutas. Disponível em:
<<http://www.animaisterapeutas.globolog.com.br.htm>>. Acessado em: 14/11/2011.

GUIDELINES for environmental Infection Control in Healthcare Facilities. Recommendations of CDC and the Healthcare Infection Control Pratics Advisory Committee (HICPAC). U.S. **Department of Health and Human Service Centers for Disease Control and Prevention** (CDC). Atlanta: Centers for Disease Control; 2003.

HAVENER, L.; GENTES, L.; THALER, B.; MEGEL, M. E.; BAUN, M. M.; DRISCOLL, F. A.; et al. The effects of a companion animal on distress in children undergoing dental procedures. **Issues Compr. Pediatr. Nurs**, Omaha, v. 24, n. 2, p. 137-152, 2001.

HART, B. L. **The Behaviour of Domestic Animals**. Nova Iorque: W. H. Freeman and Company, 1985.

HOOKER, S. D.; FREEMAN, L.H.; STEWART, P. Pet therapy research: a historical review. **Holist Nurs Pract**, v. 16, n. 5, p.17-23, 2002.

HOSPITAL São Paulo. Projeto Humanização do Hospital São Paulo. [citado 15 jun 2008]. Disponível em: <[http:// www.unifesp.br/ spdm/hsp/humaniza/p03.htm](http://www.unifesp.br/spdm/hsp/humaniza/p03.htm)>. acessado em 20/11/2011.

KASSIS, A. “O amor que fica”. **Revista Kalunga**, n. 139, Ano XXX, p. 24-25, agosto de 2002.

KAWAKAMI, C. H., NAKANO, C. K. Experiment report: animal assisted therapy (AAT) - another resource in the communication between patient and nurse.. In: BRAZILIAN NURSING COMMUNICATION SYMPOSIUM, 8., 2002, São Paulo. **Proceedings online...** Escola de Enfermagem de Riberão Preto - USP, Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000052002000100009&lng=en&nrm=abn>. Access on: 16 Nov. 2011.

KHAN, M. A.; FARRAG, N. Animal-assisted activity and infection control implications in a healthcare setting. **J Hosp Infect**, v. 46, n. 1, p.4-11, 2000.

KREISER, K. V. Companhia saudável animais que curam. **Planeta**, São Paulo, v. 29, n. 12, p. 137-152, 2001.

LEFEBVRE, S. L.; WALTNER-TOEWS, D.; PEREGRINE, A.; REID-SMITH, R.; HODGE, L.; WEESE, J. S. Characteristics of programs involving canine visitation of hospitalized people in Ontario. **Infect Control Hosp Epidemiol**, v. 27, n. 7, p. 754-758, 2006.

LEONOR, J. M. Visita terapéutica de mascotas en hospitals. **Rev Chilena Infectol**, v. 22, n. 3, p.257-263, 2005.

LEVINE, M.A. Investigating the origins of horse domestication. **Equine Veterinary Journal Supplement**, v. 28, p.6-14, 1999.

LEVINSON. B. M. Pets: a special thecnique in child psychoterapy. **Mental Hygiene**, v. 48, p. 243-248, 1964.

LIMA, M.; SOUSA L. A Influência Positiva dos Animais de Ajuda Social. **Interacções** n. 6, p. 156-174, 2004.

MILLER J.; CONNOR K. Going to the dogs...for help. **Nursing**. v. 30, n. 1, p.65-67, 2000.

MORRIS, D. The Naked Ape Trilogy. Londres: CAPE, J.; MOWRY, R.; CARNAHAN, S.; WATSON, D. **A National Study of the Training, Selection and Placement of Hearing Dogs**. Arkansas: University of Arkansas, 1994

NATIONAL Association of State Public Health Veterinarians. Compendium of measures to prevent disease associated with animals in public settings. **MMWR Recomm Rep**. 2005;54 (RR-4):1-12.

NIGHTINGALE, F. Notas sobre a enfermagem: o que é e o que não é. São Paulo: Cortez; 1989. Esperanças e conselhos; p.109-118.

NUSSBAUM, M. C. The moral status of animals. **Chron Higher Educ**, v. 52, n. 22, b. 6-8, 2006.

MARIN, K. E.; BERTUOL, P. Terapia Assistida Por Animais Como Recurso Terapêutico no Processo de Envelhecimento em Idosos Institucionalizados. Curso de fisioterapia, Universidade de Caxial do Sul, 2009.

PLETSCH, P. Terapia com animais. Disponível em:
<http://www.equogenfidelis.org.br/files/artigos/TERAPIA_COM_ANIMAIS.pdf>. acessado em 23/11/2011.

PODBERSCEK, A. L.; PAUL, E. S.; SERPELL, J. A. **Companion Animal and Us**. Exploring the relationships between people and pets. New York: Cambridge University Press, 2001.

PTAK, A. L. Studies of loneliness: recent research into the effects of companion animals on lonely people [Internet]. 1995 [cited 2009 Nov 20]. Available from: <[http://www.deltasociety.org/ Document.Doc?id=121](http://www.deltasociety.org/Document.Doc?id=121)>.

SACHS-ERICSSON, N.; HANSEN, N. K.; FITZGERALD, S. 'Benefits of Assistance Dogs: A Review'. **Rehabilitation Psychology**, v. 47, n. 3, p.251-277, 2002.

SALLISBURY, J. **The Beast within Animals in the Middle Ages**. Londres: Row and Ledge, 1994.

SERBIN, S. Sweet repeats. **THE BOND**: Newsletter of the SF/SPCA Animal Assisted Therapy Program, San Francisco, v. 3, n. 1, p.1, feb. 2001.

SHELDRAKE, R. **Cães que sabem quando seus donos estão chegando: Pesquisas científicas explicam os poderes surpreendentes de nossos animais de estimação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SILVEIRA, I. R.; SANTOS, N. C.; LINHARES, D. R. Protocolo do programa de assistência auxiliada por animais do hospital universitário. **Rev Esc Enferm, USP**, v.45, n. 1, p. 283-288, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n1/40.pdf>>. Acessado em: 09/11/2011.

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Ed Alhambra, 1981.

SINGER, P. **Animal Liberation: A New Ethics for Our Treatment of Animals**. New York: Random House; 1975.

SOCZKA, L. **A Companhia dos Lobos, o Imperativo da Vinculação**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

TURNER, J. Pet therapy. *In: The Gale Encyclopedia of Alternative Medicine*. Michigan: Gale Cengage Learning, 2001.

VIGNE, J. D.; GUILAINE, J.; DEBUE, K.; HAYE, L.; GÉRARD, P. Early Taming of the Cat in Cyprus. **Science**, v. 304, p.259, 2004.

WEBER, D. J.; RUTALA, W. A. Epidemiology and prevention of nosocomial infections associated with animals in the hospital. *In: MAYHALL, C. G. Hospital epidemiology and infection control*. 3rd ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2004. p.1787-1808.

WENTHOLD, N.; SAVAGE, T. A. Ethical Issues with Service Animals. **Top Stroke Rehabil**, v. 14, n. 2, p.68-74, 2007.

WILSON, C. C.; TURNER, D. C. Quality of Life Outcomes: The Relevance of Animals to Health and Disease'. *In* **Companion Animals in Human Health**. London: Sage Publications, 1998.